

Ana Cristina Carvalho & Lau Zanchi

COORDENAÇÃO

AMAZÓNIA

Reflexos do Lugar nas Literaturas
Portuguesa e Brasileira

*De Prof. António Franco
cf um grande abraço
A.C.C.
lx, Out 2020*



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal
– Catalogação na Publicação

AMAZÓNIA

Amazónia : reflexos do lugar nas literaturas portuguesa e brasileira /
coord. Ana Cristina Carvalho,
Lau Zanchi. – (Extra-coleção)

ISBN 978-989-566-005-6

I – CARVALHO, Ana Cristina, 1961-

II – ZANCHI, Lau, 1961-

CDU 502

Título: *Amazónia.*

Reflexos do Lugar nas Literaturas Portuguesa e Brasileira

Coordenação: Ana Cristina CARVALHO e Lau ZANCHI

Edição: Ana Cristina CARVALHO

Autore(a)s: Glória BASTOS (Portugal), Pedro CALHEIROS (Portugal),
Ana Cristina CARVALHO (Portugal), António Cândido FRANCO
(Portugal), José Alonso FREIRE (Brasil), Allison LEÃO (Brasil),
Lucilene Gomes LIMA (Brasil), Marcos MARQUES (Brasil), Maria
do Carmo MENDES (Portugal), Isabel PATIM (Portugal), Marinete
SOUZA (Brasil), Maria da Conceição TOMÉ (Portugal), Amarilis
TUPIASSÚ (Brasil), Vítor Pena VIÇOSO (Portugal), António Carlos
VITTE (Brasil), Lau ZANCHI (Brasil e Portugal).

Editor: Fernando Mão de Ferro

Revisão Científica (*Double blind peer review*): António Dimas (Universidade
de S. Paulo), Natália Constâncio (FCSH, Universidade Nova de Lisboa)
e Magda Pinto (Universidade de Brasília)

Revisão linguística dos abstracts: Luiza Morena Zanchi da Silva
e Ana Luísa Casimiro

Capa: Raquel Ferreira

Fotografia da capa: *Canoa no Rio Negro (Amazónia)*, de Sérgio J. Matos

Depósito legal n.º 474 004/20

Lisboa, Setembro de 2020

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação
para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020»
do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade
Nova de Lisboa.

ÍNDICE

Trecho ficcional ilustrativo: *A Selva* (1930, ed. luxo, 1937) 7

Introdução.

Ana Cristina CARVALHO 11

Capítulo 1. 'Foi-me terra de exílio nova pátria': visões da Amazônia
em *Os Selvagens*.

Maria do Carmo MENDES 19

Capítulo 2. A Amazônia em Alberto Rangel e Euclides da Cunha:
Leituras cruzadas.

Allison LEÃO 29

Capítulo 3. A Amazônia brasileira em *O Instinto Supremo*: Clima, rios,
vegetação e humanos no último romance de Ferreira de Castro.

Ana Cristina CARVALHO 47

Capítulo 4. Geografia e Literatura. A Amazônia no contexto do pensa-
mento social brasileiro e em *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Antonio Carlos VITTE 65

Capítulo 5. Márcio de Souza – Imperador da Literatura Amazônica.

Pedro CALHEIROS 83

Capítulo 6. De como Haroldo Maranhão reinstituiu o luso-indígena
Jerônimo de Albuquerque à roda de Camões e Pessoa rumo
à Amazônia de outrora e de agora.

Amarilis TUPIASSÚ 103

Capítulo 7. A representação da Amazônia em Ferreira de Castro e Carlos de Oliveira. Vitor Pena VIÇOSO	115
Capítulo 8. Amazônia: do infernismo literário ao protagonismo anímico da Natureza, no poema épico <i>Cobra Norato</i> , de Raul Bopp. Lucilene Gomes LIMA	129
Capítulo 9. O Significado da selva na obra de Ferreira de Castro. António Cândido FRANCO	143
Capítulo 10. A Amazônia nas narrativas de Gomes de Amorim e Ferreira de Castro. Marinete SOUZA	151
Capítulo 11. A Amazônia em livros para os mais novos: espaços de encontro e de aprendizagem. Glória BASTOS & Maria da Conceição TOMÉ	167
Capítulo 12. As sofridas mulheres amazônicas em obras de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. José Alonso TORRES	181
Capítulo 13. Imagens literárias da Amazônia em <i>Ódio de Raça</i> , de Francisco Gomes de Amorim. Isabel PATIM	195
Capítulo 14. A Poética de Thiago de Mello: criação de uma Amazônia imanente. Marcos MARQUES	203
Capítulo 15. Sentir a Amazônia em Portugal. Dos labirintos da Andara Amazônica à tela em verde da Literatura Indígena Brasileira: Vicente Franz Cecim, Herberto Helder, Daniel Munduruku e outros. Lau ZANCHI	217
O(a)s Autore(a)s – Notas biográficas.....	237

CAPÍTULO 9. O SIGNIFICADO DA SELVA NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO

António Cândido FRANCO

Universidade de Évora e Instituto de História Contemporânea (UNL)
acvcf@uevora.pt

Resumo

A Selva de Ferreira de Castro tanto é um romance social como um romance da natureza, quer dizer, um romance de espaço que tem por protagonista a natureza. Esta tem um papel de espelho das acções humanas, podendo ser quer a madrastra devoradora e destruidora quer a mãe geradora e criadora. Do mesmo modo, a sociedade humana, concentrada no romance no apertado microcosmos do Seringal Paraíso, nome com uma forte carga de ironia, tanto pode ser o inferno da concorrência desenfreada e da exploração como a fraternidade da ajuda mútua. No meio, como ponte entre os dois estados, está a consciência humana e o seu carácter evolutivo.

Palavras-chave: Natureza amazónica. Consciência. Concorrência. Apoio mútuo.

Abstract

The jungle of Ferreira de Castro is as much a social romance as a novel of nature, that is, a novel of space whose protagonist is nature. Nature's role is like a mirror of human actions, both being the devouring and destructive stepmother and the generating and creative mother. Likewise, human society, focused on the novel in the tight microcosms of Seringal Paraíso, a name with a heavy load of irony, can be as much the hell of unrestrained competition and exploitation as the fraternity of mutual aid. In the middle, as a bridge between the two states, stands human consciousness and its evolutionary character.

Keywords: Amazon Nature. Consciousness. Competition. Mutual-aid.

No prefácio à edição comemorativa dos 25 anos de *A Selva* (1930-1955), Ferreira de Castro confessa que começou por conceber para o romance um argumento que logo depois abandonou. Essa primeira versão, de que chegou a escrever dois capítulos e substituiu depois pela que hoje conhecemos, baseava-se na crença de que o homem, ao fugir por motivos de protesto social do convívio humano, encontrava na floresta virgem, que lhe servia de refúgio, o contraponto natural das suas ideias. Diz ele, justificando-se, que uma figura rígida, estática e portadora de juízos morais prévios à própria história não tinha a mesma verdade que uma figura aberta a evoluir dentro dela. Aquilo porém que nos parece pertinente existe tanto na primeira como na segunda versão do livro, embora nesta última de forma bem mais acentuada. Refiro-me à necessidade de confrontar o homem com a paisagem, confrontação que implica uma atribuição precisa de sentido à natureza, neste caso à selva, que nos aparece assim como um dos significados importantes do romance. Mas, antes de nos debruçarmos sobre o sentido que a natureza adquire na história, atentemos nas evocações que entretanto o mesmo romance faz.

Ao abrir o capítulo IV, a história de Alberto parece sofrer uma suspensão momentânea. O narrador aproveita então para falar do rio Madeira, um dos afluentes do Amazonas, junto do qual se situa o seringal para onde se dirige o protagonista. Trata-se de recordar a epopeia dos homens que desde o início do séc. XVII tentaram teimosamente subi-lo, enfrentando o desconhecido. Evocam-se nomes como João de Barros Guerra, capitão-mor de Pará, e Francisco Melo Palheta, que em 1723 terá baptizado o rio. Ambos são possuidores dum forte instinto individual que os atira para o incógnito, obrigando-os, mesmo com risco da vida, a transpor fronteiras. Fica assim dado, a meu ver, o enquadramento necessário ao romance. Pela própria realidade geográfica em que se insere, a aventura colectiva evocada pelo narrador é a do protagonista. A partir daqui Alberto pode ser visto não como uma figura estática, que se move sem se transformar, mas como uma figura que progride em função do seu encontro com o desconhecido.